

O romance como exploração do “mundo da vida” em Kundera

Herisson Cardoso Fernandes

307

Husserl e o “mundo da vida”

Em 1935 o filósofo Edmund Husserl (1859 – 1938) realiza suas famosas conferências centradas no que ele viria a chamar de uma Crise das ciências e da filosofia europeias. A primeira destas preleções, realizada em Viena, chamava-se “a filosofia na crise da humanidade europeia”. Já a segunda, apresentada na Universidade de Praga, possuía como título “*a crise das ciências europeias e a fenomenologia*”. Husserl viria a morrer apenas três anos depois, e o conteúdo de tais palestras é considerado seu testamento. (ZILLES, 2008, p.39).

A intenção desses trabalhos do filósofo era denunciar um perigo que ele julgava ameaçar a humanidade europeia (ZILLES, id., ibid.). Segundo Husserl esse perigo podia ser personificado em uma concepção extremamente objetivista que tomava conta das ciências da época. Objetividade que culminaria em um esquecimento trágico, o abandono do *mundo da vida* (ZILLES, 2008, p. 40).

Para Husserl, a vontade de conhecer é imperativo do homem europeu. O anseio de compreender o que nos cerca teria nascido entre os gregos dos séculos VII e VI a.c., e a postura investigativa perante o mundo receberia o nome de *filosofia* (HUSSERL, 2008, p. 67). Esse termo seria, conforme seu sentido original, “um outro nome para ciência universal, a ciência da totalidade do mundo, da unidade total de todo o existente”

(HUSSERL, 2008, p.67). Posteriormente, dada a diversidade dos temas abarcados, a filosofia viria a se ramificar em diversas ciências particulares.

O filósofo detecta que em algum momento da história a concepção científica do mundo desviou-se de sua essência, e viria a se converter em um “intelectualismo perdido em teorias alheias ao mundo real” (HUSSERL, 2008, p. 76).

Na introdução à edição portuguesa do volume *A crise da humanidade europeia e a filosofia* (2008), que reúne artigos e uma conferência de Husserl, Pedro M. S. Alves (2008, p. 6) sublinha que a preocupação de Husserl se encontra na percepção de que ocorreu uma redução do mundo às ciências matemáticas da natureza. Fica evidente que o problema levantado pelo filósofo está na diminuição do mundo perante a chamada razão objetivista. É o que corrobora Urbano Zilles em seus comentários a respeito da obra husserliana do período da discussão acerca da crise:

Nessa fase crítica o *objetivismo* ou a pretensão de que ‘a verdade do mundo apenas se encontra naquilo que é enunciável no sistema de proposições da ciência objetiva’. Na *Krisis* Husserl indaga o porquê do fracasso das ciências, perguntando pela origem dessa crise, redescrivendo a trajetória da razão ocidental e constata que as ciências se afastaram, pela matematização do mundo da vida, substituindo-o pela natureza idealizada. (ZILLES, 2008, p. 8).

A substituição do mundo por uma idealização da natureza, a partir de uma concepção puramente objetivista, é o que Husserl consagra na fórmula do esquecimento do “mundo da vida”, termo que em alemão seria *Lebenswelt*. Nesse sentido, podemos entender o mundo da vida como o oposto ao mundo conforme idealizado pelas ciências, o mundo objetivado.

Em *The Husserl Dictionary* (2012), de Dermot Moran e Joseph Cohen, encontramos estas palavras a respeito do *Lebenswelt*:

'Life-world' or 'world of life' (*Lebenswelt*) is Husserl's term in his mature writings for the concrete world of everyday experience, the 'everyday world' (*Afftagswelt*), the 'intuitive world of experience', the world as experienced in the natural attitude.¹ (MORAN; COHEN, 2012, p. 98).

Zilles (2008, p.44) comenta que, para Husserl, o mundo da vida seria a origem e o fundamento das ciências objetivas, mas que, mesmo sendo sua raiz, tais ciências haveriam se esquecido dele.

Milan Kundera e o “mundo da vida”

O primeiro capítulo de *A arte do romance* (2009), volume de escritos de cunho ensaístico do escritor tcheco Milan Kundera, é denominado *A herança depreciada de Cervantes*. O título mostra-se relevante na medida em que o Kundera apresenta sua tese de que, ao lado do filósofo francês René Descartes (1596 – 1650), o romancista espanhol Miguel de Cervantes (1547 – 1616) seja um dos fundadores da modernidade. Nesse capítulo Kundera reflete acerca do papel da arte romanesca nos turbulentos tempos modernos.

Em seu artigo *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário* (2015), os pesquisadores Wilton Barroso Filho e Maria Veralice Barroso indicam como o pensamento de Husserl reverbera em Milan Kundera:

¹ Mundo da vida (*Lebenswelt*) é um termo de Husserl, em seus escritos de maturidade, para o mundo concreto da experiência diária, o ‘mundo cotidiano’ (*Afftagswelt*), o ‘mundo intuitivo da experiência’, o mundo como experimentado na atitude natural. – Tradução nossa.

De acordo com o pensamento kunderiano, a perspectiva cientificista que dominou as esferas do pensamento moderno fez com que o homem se tornasse “uma simples coisa para as forças (da técnica, da política, da História) que o ultrapassam, o sobrepassam, o possuem.” (BARROSO; BARROSO, 2015, p. 17).

Kundera toma como pressuposto para suas discussões a noção da crise científico-filosófica proposta por Edmund Husserl. Para o romancista, se houve o esquecimento do mundo por parte das ciências e da filosofia, se tais áreas do conhecimento deixaram de se preocupar com o *Lebenswelt* e a existência do homem nesse mundo, o romance nunca os teria abandonado.

Quero dizer com isso que, se é verdade que a filosofia e as ciências esqueceram o ser do homem, parece mais evidente ainda que com Cervantes se formou uma grande arte europeia que é justamente a exploração desse ser esquecido. (KUNDERA, 2009, p. 12).

Percebemos que, para o escritor tcheco, a essência do romance é de caráter contrário à atitude tomada pelas ciências na modernidade. É da concordância de Kundera que as ciências teriam deixado de se preocupar com a concretude da vida, e que esse abandono do mundo constitui um problema (uma crise), como proposto por Husserl. Surge assim para o romancista a tese de que um dos fundamentos da arte romanesca seja a exploração desse mundo concreto da vida. O autor tcheco ressalta seu ponto de vista a respeito da importância do romance perante a crise assinalada por Husserl:

Ora, se a razão de ser do romance é manter ‘o mundo da vida’ sob uma iluminação perpétua e nos proteger contra ‘o esquecimento do ser’, a existência do romance não é, hoje, mais necessária que nunca? (KUNDERA, 2009, p.23).

O sociólogo inglês Keith Tester, em *The life and times of post-modernity*, pontua que Husserl lança seu olhar, com otimismo, para a capacidade da filosofia fenomenológica de recuperar a transcendência do mundo da vida. Já Milan Kundera, de “forma surpreendente”, volta-se para o romance (TESTER, 2003, p. 15).

Seguindo a visão de Kundera, o romance que almeja abarcar a preocupação em trazer novamente para o primeiro plano de reflexão a concretude da vida vivida, do mundo, não pode fazê-lo partir de teorias, de pressupostos absolutos que busquem encaixar o objeto analisado (o mundo) em uma visão pré-estabelecida. Há a necessidade de se falar das coisas a partir das próprias coisas, do mundo a partir do próprio mundo. Nesse sentido Kundera faz um elogio a autores como Robert Musil² e Hermann Broch³ que, de acordo com ele, souberam se utilizar do romance para praticar uma relação de reflexão perante o mundo, propositadamente sem um comprometimento com alguma espécie de cientificidade:

O romancista não se disfarça de sábio, de médico, de sociólogo, de historiador, ele analisa *situações humanas* que não fazem parte de nenhuma disciplina científica, que fazem simplesmente parte da vida. [...] se a filosofia europeia não soube pensar a vida do homem, pensar sua “metafísica concreta”, é o romance que está destinado a ocupar afinal esse terreno vazio em que ele será insubstituível. (KUNDERA, 1994, p.150.)

Para o escritor tcheco, o romance pressente a necessidade de se reconhecer a relatividade da existência, e posiciona-se em oposição às pretensões de verdades universalizantes, desde Cervantes e Dom Quixote:

² Robert Musil (1880 – 1942), escritor austríaco, autor de *O homem sem qualidades* (*Der Mann ohne Eigenschaften*), publicado entre 1930 e 1943).

³ Hermann Broch (1886 – 1951), escritor austríaco, autor de *Os sonâmbulos* (*Die Schlafwandler*), publicado em 1932.

O mundo baseado numa só Verdade e o mundo ambíguo e relativo do romance são moldados, cada um, de uma matéria totalmente diversa. A verdade totalitária exclui a relatividade, a dúvida, a interrogação, e ela jamais pode portanto se conciliar com o que eu chamaria o *espírito do romance*. (KUNDERA, 2009, p. 20)

Ao se ver órfão da figura de Deus no crepúsculo da idade média, o ser humano se posiciona perante um mundo cuja relatividade se torna árdua de suportar, um espaço onde o “Juiz supremo” se torna ausente. Em tal cenário manifesta-se o romance, cuja única moral é a descoberta. Esse tipo de romance já nasce como algo complicado de se lidar: “Devido a essa incapacidade, a sabedoria do romance (a sabedoria da incerteza) é difícil de aceitar e de compreender” (KUNDERA, 2009, p. 15).

Sendo então o romance visto como um território onde se pensa o mundo a partir de si mesmo, de suas ambiguidades, ambivalências e multiplicidades, Kundera afirma que o contrário – partir de teorias, de verdades ou certezas – é contraditório ao próprio processo de criação romanesca. Para Tester, esse valor que o tcheco infere ao modo de reflexão do romance acerca da existência seria equivalente à necessidade proposta por Husserl, de resgate do mundo da vida:

The book is a challenge to, and an overcoming of all fixed boundaries. It is a testimony for life. Indeed, Kundera seems to equate the legacy of the mode of inquiry which is contained in novels like *Don Quixote* with precisely the life-world which Edmund Husserl tried to rescue by a rather diferente strategy.⁴ (TESTER, 2003, p. 16).

⁴ O livro é um desafio e uma superação de todos os limites fixos. É um testemunho para a vida. Na verdade, Kundera parece equiparar o legado do modo de pesquisa que está contido em romances como Dom Quixote com, precisamente, o mundo da vida que Edmund Husserl tentou resgatar por uma estratégia bastante diferente. – Tradução nossa.

A aproximação entre as reflexões de Kundera e Edmund Husserl também são assinaladas por Eva Le Grand, estudiosa e comentadora da obra kunderiana. Para a pesquisadora o romance constitui o modo estético mais próximo de uma investigação fenomenológica acerca do mundo, da essência da vida humana e da essência ontológica do ser. Ela afirma ainda que Kundera consegue capturar a “poesia fenomenológica da existência”. (LE GRAND, 1999, p. 29).

Embora Kundera encontre no romance um espaço privilegiado para a reflexão que traz ao primeiro plano a concretude da existência, necessário dizer que, segundo ele, a maneira de refletir do romance é diversa à da filosofia, de forma a rejeitar a nomenclatura de “romance filosófico”. Afirma Kundera: “Acho impróprio o termo ‘filosófico’. A filosofia desenvolve seu pensamento num espaço abstrato, sem personagens, sem situações” (KUNDERA, 2009, p. 34).

O tcheco afirma preferir o termo “romance que pensa”, para se referir àquela categoria romanesca que assegura um local para a reflexão, como nos trabalhos de Broch e Musil. Estética que o próprio Kundera viria a seguir em sua escrita. Para o romancista, o pensamento construído no interior do romance é constituído de considerações que não lidam com concepções fechadas ou sistematizadas de mundo, ou seja, não sentem a necessidade de buscar ou formular respostas para questões existenciais. O romance que pensa, reflete a partir daquela proposta sabedoria do romance, a da incerteza. É por isso que, para Kundera, romances como *Os sonâmbulos*, de Broch, seriam praticamente contrários à filosofia:

A reflexão romanesca, tal como Broch e Musil a introduziram na estética do romance moderno, não tem nada a ver com a de um cientista ou a de um filósofo; eu diria mesmo que ela é intencionalmente afilosófica, até anti-filosófica, isto é, violentamente independente de todo sistema de ideias preconcebidas; ela não julga, não

proclama verdades, ela se pergunta, se espanta, ela sonda; sua forma é das mais diversas: metafórica, irônica, hipotética, hiperbólica, aforística, engraçada, provocadora, fantasista; e sobretudo: ela não deixa nunca o círculo mágico da vida dos personagens; é a vida dos personagens que a alimenta e justifica. (KUNDERA, 2006, p. 69).

Wilton Barroso e Maria Veralice Barroso comentam como o “romance que pensa” se relaciona com essa consciência da complexidade existencial:

[...] o “romance que pensa” desafia os limites do gênero e permite que um mesmo fato, uma mesma situação, uma mesma palavra ou o modo de ser de uma personagem, sejam pensados sob vários ângulos. É assim que tais romances se alimentam de uma história dentro de outra história, de fatos ficcionais e não ficcionais, de personagens reais e imaginários. (BARROSO; BARROSO, 2015, p. 32)

Barroso e Barroso também incluem em suas discussões a rejeição de Kundera em ter seus romances enquadrados como filosóficos. Para os pesquisadores, mesmo que o romancista tcheco proclame tal negação, não é possível questionar que haja, em sua obra, uma dedicação ao pensamento filosófico:

Mesmo que em seus estudos teóricos Kundera faça questão de evidenciar o distanciamento de sua prática literária das análises filosóficas, é evidente que sua escrita demonstra claramente uma imersão ao universo da reflexão filosófica. Mesmo diante de sua negação, a leitura de seus textos nos revela um constante diálogo entre a Literatura e a Filosofia, a novidade talvez resida no fato de que **esse diálogo de modo algum expressa a filiação a qualquer corrente de pensamento filosófico**. Até por que para esse escritor o romance, dentro de sua própria tradição, se antecipou a várias correntes filosóficas. (BARROSO; BARROSO, 2015, p. 30 - grifo nosso).

Para concluir, percebemos que a arte romanesca, na visão de Milan Kundera, debruça-se sobre o reconhecimento das indefinições e ambiguidades da existência humana, desenvolvendo-as e explorando-as largamente. Tal maneira de refletir relativamente à complexidade do ser do mundo constitui a sabedoria do romance, fundada sobre as incertezas. E é essa sabedoria a maneira pela qual o romance se afasta daquela objetividade esmagadora identificada por Edmund Husserl, para se aproximar sem ressalvas da concretude do mundo.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, W.; BARROSO, M. V. **Epistemologia do Romance**: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário. 2015. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/0B3rYBdIppwzbeHV6cFpHWkF5Yms/view> > Acesso em outubro de 2017.
- HUSSERL, E. **A crise da humanidade européia e a filosofia**; Introd. e trad. Urbano Zilles. 3ª ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008a.
- HUSSERL, E. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Tradução Pedro M. S. Alves. Covilhã: LusoSofia:Press, 2008b.
- KUNDERA, M. **Os testamentos traídos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- KUNDERA, M. **A cortina: ensaio em sete partes**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KUNDERA, M. **A arte do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LE GRAND, E. **Kundera or the memory of desire**. Canadá: Wilfrid Laurier University Press, 1999.
- MORAN, D.; COHEN, J. **The Husserl Dictionary**. Continuum Books, 2012.
- TESTER, K. **The life and times of Post-Modernity**. Taylor & Francis e-Library, 2003.

ZILLES, U. A fenomenologia Husserliana como método radical. In: **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 3ª ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.